

# Almino recria a geração de 68 através de atalhos narrativos\*

Yudith Rosenbaum<sup>1</sup>

COMO RECONSTITUIR A ATMOSFERA E OS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM A GERAÇÃO DE 68, sem resvalar no melodrama ou nas imagens fáceis? *O Motor da Luz*, primeiro livro de prosa do recifense José Almino, enfrenta com êxito o desafio, remexendo de forma original os bastidores de uma época de exílio, perdas, amizades e traições.

A ousadia da ficção de Almino, que também editou o livro de poesias *Maneira de Dizer* (Brasiliense), está marcada pelo veio lírico. A começar pela condensação do relato, diminuto e denso.

Depois, pela escolha de um vocabulário mais sugestivo do que descritivo, o que resulta numa linguagem de alto valor simbólico, levando o leitor a descobrir sensações novas em palavras já conhecidas: "Melancolia era o nome aceso que se dá às horas turvas."

Aliás, todo o livro é melancólico, como se o autor/narrador (a identificação é inevitável, pelo tom memorialista) precisasse "conhecer o que eu considerava uma alegoria monstruosa, exemplar, da minha geração", e o fizesse por uma escrita nostálgica, que tentasse responder à questão: "Valia ver o que valia aquele passado?"

\* *MAIS!* 18.06.95, p. 5-12.

<sup>1</sup> Yudith Rosenbaum é psicóloga, doutoranda em Letras pela USP e autora de *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência* (Edusp/Imago).

Ao revisitar o passado, busca-se um sentido para toda aquela "engrenagem ingênua" (o mundo clandestino da época) – que nem a alegoria consegue desvendar. Tal fracasso, contudo, está perfeitamente de acordo com a ficção moderna, que afirma a impossibilidade de alcançar qualquer totalidade.

É justamente na tensão entre alegoria e símbolo que o autor constrói seu texto, cujo gênero enigmático permite as mais criativas equivalências: pode-se imaginar uma partitura musical, de harmonia dissonante, onde os intervalos são tréguas para reflexão; ou uma composição em fragmentos, com episódios curtos, ora focalizando o exílio em Paris (quando, em 66, Almino segue o pai, Miguel Arraes), ora sublimes experiências em pequenos lugarejos de Pernambuco – tudo girando em torno de um personagem que articula os vários fios dispersos: Valdério Alexandre Araripe, amigo do narrador e ex-dirigente do MR-8. E, por fim, um álbum de fotografias, dispostas sem ordem cronológica, ocultando um segredo tridimensional como as figuras do livro *O Olho Mágico*.

Emoldurando esses quadros multifacetados, temos citações inusitadas, que dialogam com o texto principal, passando por Stendhal, Montaigne, Gide, Camões, Tom Waits, Eça, Machado, entre muitas outras.

A narração "avança" por sigilosos atalhos, com frases veladas e ambíguas, quase a mimetizar o clima de clandestinidade da época. A melodia ou o vitral resultante desse rigoroso encaixe de peças só se revela ao leitor paciente, que se deixa levar por um enredo desconstruído e misterioso (embora, algumas vezes, hermético demais).

Aos que desistiriam logo, é bom lembrar o que diz Umberto Eco: "Um texto é uma máquina preguiçosa, que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho". Aos mais laboriosos, gratas surpresas os aguardam ao final de um caminho inteligente, ainda que tortuoso.